



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA/ UAB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO

JOÃO BATISTA MAGALHÃES PRATES

**VEGANISMO E EDUCAÇÃO MORAL NO CINEMA DE FICÇÃO
CONTEMPORÂNEO: Okja como ferramenta didática para o ensino de Ética**

São Borja - RS

2022

JOÃO BATISTA MAGALHÃES PRATES

VEGANISMO E EDUCAÇÃO MORAL NO CINEMA DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEO: Okja como ferramenta didática para o ensino de ética

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Mídia e Educação da Universidade Federal do Pampa/UAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em: 12 de dezembro de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin
Orientador
(Unipampa)

Profa. Ms. Rosilene da Silva Gaio

Prof. especialista Cleo Leiva Soares



Assinado eletronicamente por **MIRO LUIZ DOS SANTOS BACIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/12/2022, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Cleo Leiva Soares, Usuário Externo**, em 15/12/2022, às 18:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Rosilene Maria da Silva Gaio, Usuário Externo**, em 15/12/2022, às 20:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1007100** e o código CRC **9C5D3966**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

MP912vv Magalhães Prates, João Batista

Veganismo e educação moral no cinema de ficção
contemporâneo: Okja como ferramenta didática para o ensino de
Ética / João Batista Magalhães Prates.

27 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização)--
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E
EDUCAÇÃO, 2022.

"Orientação: Miro Luiz dos Santos Bacin".

1. Direitos animais. 2. Ética. 3. Bioética. 4. Libertação
animal. 5. Recurso didático. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Tecer agradecimentos é necessariamente desenrolar o fio longuíssimo que sustentamos no presente, e se estende do mais profundo passado. Quem já teve a experiência de esboçar sua árvore genealógica, ainda que a encontre repleta de lacunas - a preservação da história familiar em séculos inteiros sempre foi privilégio das elites econômicas - pode lançar um olhar sobre a miríade de seres humanos que foram necessários para produzir esse corpo que agora escreve ou este que agora lê. É fascinante imaginar, em vertigem, o teatro da existência de tantas pessoas, afunilando-se de um passado gigantesco ao presente que somos, e fazê-lo significa sentir-se em continuidade com esse enorme esforço coletivo, nós que estendemos esse mesmo fio um pouco mais adiante e somos chamados a passá-los à frente, também por nossa vez, para engrossarmos essa fila da ascendência e embalarmos a espécie mais adiante, cedendo o nosso modesto impulso. E o fio da vida que somos, múltiplas mãos o tecem e sustentam também no presente. As mais visíveis delas, as mãos familiares por excelência, são aquelas de nossa família nuclear. Tenho sido abençoado pela sorte de fazer parte da minha. Para além da família nuclear e da estendida, encontramos a família nacional, cujos laços de união, na tarefa homérica de viver juntos, dividimos. Da grande nação que temos brilham como jóias da Pátria, de encher de orgulho qualquer um de seus filhos, as instituições de Ensino e Pesquisa de tão reconhecida excelência, e que sustentam a chama do conhecimento entre nós, apontando para a direção do desenvolvimento da nação. Estendo meus agradecimentos, portanto, à Unipampa e à Universidade Aberta do Brasil - UAB, que proporcionaram essa formação, subsidiada pelo esforço coletivo dos brasileiros, em tempos de dogmatismos econômicos crescentes, que fazem vigorar noções depreciativas sobre a esfera pública e o papel do Estado no desenvolvimento nacional. Que sigamos espantando fantasmas e cultivando sementes de progresso e ordem, para o engrandecimento da pátria.

RESUMO: esse artigo analisa o filme “Okja”, lançado em 2017, como manifestação cultural inovadora fruto da efervescência ambientalista, ecológica e ética que significa o vegetarianismo, em escalada em todos os lugares do mundo, a conseguir cada vez mais adeptos. No Brasil não seria diferente, e o sucesso de audiência vem cristalizar o processo, que tem conhecido notoriedade midiática nos últimos tempos. A partir do filme, uma das primeiras peças da cultura de massa a tratar seriamente um assunto sério, traçam-se apontamentos e desenvolvem-se raciocínios, ilustrados e sugeridos pelo filme, acerca do estado atual e futuro dos direitos animais plenos, que oferecemos como guia didático para o trabalho com o filme em sala de aula. Sugerimos que este produto audiovisual guarda potências inauditas para o trabalho em ambiente escolar de temas transversais das Ciências Humanas, em especial a filosofia, a ética e a educação ambiental, entre outros.

Palavras-chave: Direitos animais. Ética. Bioética. Libertação animal. Recurso didático.

ABSTRACT: this article analyses the movie “Okja”, released in 2017, as an innovator cultural manifestation born from the environmental, ecological and ethical effervescence of vegetarianism, increasing in all of the world, making more supporters every Day. In Brazil it would not be different, and the success of audience example that, besides the notorious media space that the subject has received lately. From the movie, the first mass culture piece that approaches a serious matter with gravity, notes and reasoning are made, both illustrate and suggested by the film, regarding the actual and the future of animal rights (all of them). We suggest that this film can be used as a tool for teaching philosophy topics in school, as ethics and environmental education, among others.

Keywords: Animal rights. Ethics. bioethics. Animal Liberation. Didactic resource

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	VEGETARIANISMO EM CENA.....	10
3.	PROPAGANDA E A QUESTÃO AMBIENTAL.....	12
3.	ÉTICA, BIOÉTICA E O FUNDAMENTO DAS LEIS: DO JUSTO E DO LEGAL.....	15
5.	SENTIMENTALISMO, ANIMAL DE ESTIMAÇÃO E DE CONSUMO.....	20
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	BIBLIOGRAFIA.....	27

1. INTRODUÇÃO

O filme em questão que nos propomos a analisar causou euforia e vem transformando os hábitos de pensamento e de consumo de muita gente ao redor do mundo. Não é preciso muito esforço para encontrar centenas de referências a ele e outras centenas de comentários internet afora, de pessoas que ficaram profundamente abaladas com a experiência de assisti-lo, muitas delas se tornando vegetarianas, o que mede o tamanho do impacto sociológico desta produção¹. Pretendemos mostrar como em sua montagem são trabalhadas diversas questões da pauta do movimento de libertação animal², sendo a filmagem dirigida para formular um argumento muito claro, de apelação pela consideração ética dos animais não humanos. É interessante notar que o diretor do filme Joon-Ho Bong não era vegetariano, tendo se tornado após se envolver com a produção (pelo menos por um tempo; mas depois voltou a comer peixe³, “apenas” peixe; o mesmo se deu com a atriz protagonista, Seo-Hyun Ahn, embora seu vegetarianismo tenha durado pouco. Já o coprodutor, Jon Ronson, aparentemente já era simpatizante ao vegetarianismo, embora esteja lutando sempre para atingi-lo⁴). O fato é interessante porque mostra a força apelativa que o filme tem, capaz de mudar hábitos há muito enraizados ao exigir a reflexão, além de evidenciar que este filme em especial não faz parte de um produto de militância consciente dos produtores. Em tempos de escalada das preocupações com o bem-estar dos demais animais presentes no mundo, bem como com os recursos ambientais e o ecossistema, fundamento de toda a vida, urge lançar luz a essa manifestação ímpar a estender voz aos animais não humanos, todos eles, e não apenas os pets - muito embora os pets sejam porta de entrada privilegiada para estas reflexões, como veremos, havendo esta relação, amplamente difundida entre o alunado, que ser explorada no dia a dia da sala de aula.

Todo filme é um empreendimento coletivo e, por isso mesmo, tem uma potencialidade ímpar de refletir convulsões e movimentos que estão em ebulição na sociedade. É esse o caso do vegetarianismo (em todas as suas formas), que só tem feito crescer (e exponencialmente)

¹A título de exemplo, um depoimento do tipo disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/noticia/2017/07/natalia-borges-polesso-okja-ou-voltei-a-ser-vegetariana-9838817.html>

² Movimento social que demanda consideração ética para os animais, todos eles, inclusive os ditos “de consumo”, consideração essa a ser cristalizada posteriormente em dispositivos legais que garantam a proteção dos (novos) direitos à integridade física, liberdade e vida dos animais. Referências no tema são os pensadores do dito “Círculo de Oxford”, predominantemente os filósofos Peter Singer e Tom Regan.

³<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-131979/> (último acesso em 20/08/2022)

⁴Há duas postagens em seu Twitter indicativas do fato, em <https://twitter.com/jonronson/status/878289775400112128e>

<https://twitter.com/jonronson/status/458380849499885569> (último acesso em 20/08/2022).

no mundo inteiro, especialmente nas últimas décadas, impulsionado por uma militância organizada, sobretudo na rede de internet, que expõe os interiores dos abatedouros e os processos usuais, que antes não podiam ser vistos, da produção pecuária, além de informar sobre as demais pautas da causa, seus benefícios para a saúde humana e do meio ambiente. Por isso mesmo Okja é um marco: o tema tratado não chega a ser original; não é a primeira vez que visita as telas (o gênero documentário se consagrou com mais popularidade para tratar do vegetarianismo e da libertação animal, geralmente em produções autônomas de ativistas). Nem tampouco inaugura uma forma pioneira de narrativa: ainda que seja bem diferente dos filmes de sucesso da indústria hollywoodiana, os procedimentos técnicos para contar-se a história baseiam-se em grande medida na já consagrada fórmula; há ação, emoção e boas doses de humor, numa narrativa aparentemente simples, feita sobre medida para dialogar com um público já acostumado com um tipo específico de linguagem fílmica. Se o filme inova é, sobretudo, por ter conseguido alcançar um público tão grande, por ter conseguido estar inserido num círculo de visibilidade que até há pouco tempo, antes da internet, só as produções com grandes investimentos conseguiam, tratando de um tema maldito para o qual seria difícil o financiamento⁵; pudera: o filme vai de encontro a interesses estabelecidos há muito, culturais e econômicos - principalmente no Brasil, em que a agropecuária é o carro chefe do PIB.

Antes de passar à análise das imagens e ao nosso guia de leitura e utilização do filme, devemos dizer algumas palavras a respeito do vegetarianismo e do movimento de libertação animal e seu crescimento desde a década de 70, a partir da reflexão e atuação de pensadores morais - sobretudo ingleses. Segundo a SVB (Sociedade Vegetariana do Brasil), “vegetarianismo é o regime alimentar que exclui todos os tipos de carnes”, havendo quatro tipos de dieta vegetariana (a ovo lacto vegetariana; a lacto vegetariana; a ovo vegetariana e o vegetarianismo estrito). Já “a filosofia do veganismo (não consumo de qualquer produto que gere exploração e/ou sofrimento animal) adota o vegetarianismo estrito no âmbito da alimentação, extrapolando-a. Por isso, costuma-se também chamar de ‘vegano’ aquele que

⁵Em um artigo que escrevi para o The Guardian, podemos ler Jon Ronson expondo a sua preocupação com o financiamento desse filme tão controverso. Transcrevo: “As I read it, I felt anxious. The things I loved most about it were the same things a financier might recoil from. This film would need a big budget. It was a lot of fun but then it turned very dark. It was in essence a popcorn movie about cognitive dissonance, one of my favorite subjects. To eat the meat, we need to ignore the slaughterhouse. To behave cruelly, we have to trick ourselves into believing we aren’t. Plus, half of it was in Korean. Was Okja destined for a slew of dispiriting compromises? Would it get financed at all? (...)ad Netflix not stepped in, I’m pretty sure Okja would never have been made. Who else would have financed a \$60m movie that is as strange and disturbing (and multilingual) as this?” Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2017/jun/15/okja-jon-ronson-bong-joon-ho-doochoi-pig-movie>(último acesso em 20/08/2022).

não consome nenhum alimento de origem animal (carnes, ovos, laticínios, etc.)”⁶. Foi Peter Singer em seu livro publicado em 1975, intitulado *Libertação animal*, que cunhou a expressão que dá nome hoje à luta social pelo veganismo, e retomou junto a outros colegas⁷ a denúncia sistemática das práticas de crueldade a que o homem submete os animais atualmente, sendo a maior e mais difundida delas o consumo de produtos que se originam de sua própria carne, vísceras e dor, justificando tais atitudes por uma suposta superioridade inerente à espécie humana, que o autor denominará “especismo”⁸. Nesse contexto, abster-se de consumir esses produtos conscientemente e por uma preocupação ética com a privação e sofrimento dos animais envolvidos na sua produção impõe-se como o primeiro passo da sua libertação. Esses conteúdos filosóficos que sustentam este novo estilo de vida tem a sua própria lógica interna e a sua própria historicidade, desdobrando-se em produções legais e administrativas, dentre outras, que são objeto de uma ampla gama das ciências humanas e sociais aplicadas (para não falar das pesquisas em ciências biológicas e da saúde envolvendo o tema), tornando-o um centro nevrálgico para confluir múltiplos estudos, em abordagem multidisciplinar, sendo por isso mesmo de grande interesse acadêmico. Gostaríamos de ressaltar que, por todas essas razões, é importante para alunos e professores prestarem atenção às questões que orbitam em torno do filme e que podem ser levantadas por ele. Este filme e sua abordagem crítica servirão como instrumento ou conteúdo pedagógico ímpar na formação da comunidade escolar, tendo o mérito de vincular a atenção e o engajamento através da vinculação emocional e vital ao que é da ordem do dia.

2. VEGETARIANISMO EM CENA

É significativo que, na abertura do filme, enquanto vemos aparecerem na tela os logotipos das companhias envolvidas na sua produção (nenhuma das ditas “gigantes” ligadas à Hollywood, com orçamentos estupendos e notoriedade no *mainstream*. São inclusive bem recentes, tendo a “Plan B” sido criada em 2001 e a “Lewis Films” produzido até o presente ano de 2017 apenas 3 filmes, enquanto a “Kate Street Picture” foi fundada em 2014 e Okja foi

⁶<http://www.svb.org.br/vegetarianismo1/o-que-e>(último acesso em 20/08/2022).

⁷Tom Regan é outro nome de destaque na defesa dos direitos animais.

⁸“O especismo - a palavra não é bonita, mas não consigo pensar num termo melhor - é um preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos interesses dos membros de outras espécies.”(SINGER.2004, pg. 23).

o seu primeiro e único filme até agora⁹), o último a aparecer (aquele que abre a tela para o filme em definitivo) seja o da Netflix. A Netflix representa os novos tempos da internet, a revolução tecnológica que vem mudando a nossa maneira de relacionarmos-nos com os produtos audiovisuais. Criada em 1997 nos EUA como um serviço de entrega de DVDs pelo correio, a partir de 2007 envolveu-se com o negócio do *streaming*, hoje tendo mais de 100 milhões de assinantes e funcionando no mundo inteiro, exceto na Síria, na Coreia do Norte, China e Crimeia.

Se antes o poder econômico era fundamental para garantir uma ampla difusão de qualquer filme, que só alcançaria grandes públicos se inseridos na esteira dos festivais promotores e ciclos notórios de salas de cinema, *Okja* representa uma quebra do padrão ainda existente, que já mostra sinais de esgotamento. Isso porque, quando do lançamento do filme, a Netflix resolveu recusar os meios tradicionais de promovê-lo, investindo numa campanha online maciça¹⁰. O filme não foi exibido em nenhuma sala de cinema na França; em apenas três nos EUA, o que levantou toda uma polêmica sobre o filme, que foi concebido especialmente para a internet e o seu formato novo de distribuição e acesso¹¹, muito embora tenha até concorrido na 70.^a edição do Festival anual de Cannes, sem ser premiado. Antes mesmo de começar a ser assistido o filme era já revolucionário. Não demorou muito e a outra face da revolução aparece: o filme escancara uma realidade cruel do sofrimento animal e é literalmente um tapa na cara da indústria pecuária, tão poderosa e envolvida em todos os meios de propaganda oficiais na condição de patrocinador.

Não espanta nunca termos visto um filme sobre o assunto ganhar notoriedade na mídia antes, além de se tratar de um assunto um tanto indigesto, inapropriado para o divertimento, característica do produto audiovisual na cultura de massas. *Okja* pode ser considerado o primeiro de uma série que, certamente, só irá aumentar, uma vez que o nosso tempo vê crescer vertiginosamente os apelos contra a exploração animal, potencializados pelas novas

⁹Informações obtidas pela internet, nos links: https://en.wikipedia.org/wiki/Plan_B_Entertainment ; <http://www.imdb.com/company/co0488021/> e <https://www.corporationwiki.com/p/2kr0nh/kate-street-picture-company-inc>(último acesso em 20/08/2022).

¹⁰<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1896712-okja-chega-a-netflix-apos-polemica-causada-no-festival-de-cannes.shtml>(último acesso em 20/08/2022).

¹¹“No caso de "Okja", conta Bong, os estúdios a quem ele propôs a história pareciam interessados pelo menos até que ele falasse sobre a última porção da história.

‘Para os estúdios, a pergunta recorrente era se eu pretendia manter a cena do matadouro’, lembra. ‘Eles viam uma menina e belos animais. Queriam alguma coisa do tipo Disney. Mas a Netflix me deu 100% de liberdade para fazer o que eu quisesse’. A produtora de Brad Pitt, Plan B, também está no projeto.” < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1896712-okja-chega-a-netflix-apos-polemica-causada-no-festival-de-cannes.shtml> >(último acesso em 20/08/2022).

formas de comunicação que, a partir da internet, podem mostrar o que a televisão, por exemplo, sempre fez questão de esconder: a realidade por trás dos nossos hábitos alimentares mais automáticos. Por esses dois âmbitos, o seu impacto sociológico é de tamanha monta: insere-nos no afã de um novo tempo, marcado entre outras coisas pelo recrudescimento das preocupações ambientais, ecológicas e, por extensão, com a vida animal, ao mesmo tempo que o canal principal de difusão dessa nova mentalidade é a rede aberta de veiculação de informação, em que os interesses privados diluem-se em alguma medida e a experiência humana ganha novos contornos, ainda que pela rede já comecem a transitar os grandes negócios, título já cabível à própria Netflix.

Ainda assim a experiência se complexifica; linhas de fuga dos padrões e paradigmas, dos temas hegemônicos são possíveis, e mesmo que haja “mercados da diversidade”, ao menos há diversidade. Isso para não falar dos empreendimentos autônomos, voluntários que se difundem em rede, quebrando os véus ideológicos que eram mantidos pela presença única da narrativa televisiva¹². Sob este aspecto, o filme passa de mão em mão através de *torrents* e legendas, baixadas diretamente da rede mundial de computadores, e os professores podem usar destas redes - inclusive sem medo de cometer qualquer ilícito, uma vez que a lei abrandou os direitos autorais em situações acadêmicas, no Brasil, e privar os alunos da exposição a conteúdos altamente significativos só pode depor contra o interesse maior da formação plena.

3. PROPAGANDA E A QUESTÃO AMBIENTAL

Ao começar definitivamente o enredo fílmico, nota-se que logo a primeira cena define o tom e teor do filme, cena que estará pendida como pano de fundo até o final e dará sentido à narrativa. Montada a partir de um conjunto de planos que têm como lócus uma antiga fábrica, a cena se desenvolve mais ou menos assim, linhas gerais: uma CEO de uma gigante pecuária anuncia para a imprensa o seu mais novo produto e seu plano de longo prazo para reduzir o impacto ecológico da produção de carne e produtos animais ampliando os lucros da empresa,

¹²“A televisão ainda exerce um função social sem precedentes, ela já não age enquanto centro simplesmente, apesar de ainda assumir a condição de modelo a ser imitado (...) A internet conecta todos os espaços do globo através de fios não detectáveis, eles irradiam suas informações preenchendo nossos celulares, computadores, notebooks, já não há como esconder-se do ‘Grande Irmão’, este, no entanto, nunca viu uma emanção de contrapoderes tão devastadora. São enunciações coletivas, plurais, que formam nosso mundo dividido, mas coeso. As fronteiras nos escapam à imaginação. O invento que deveria dar conta das disputas territoriais e intersubjetivas na Guerra Fria, tornou-se a arma por excelência da multidão, uma arma nômade, virtual e intensiva, que opera por desterritorializações sempre minoritárias.” (SANTAFÉ, 2015, pg. 119 e 120)

numa realidade paralela fictícia (bastante verossímil, por sinal) que se passa em um ano de 2007 (mesmo ano em que se dava a fatídica conferência de Bali¹³, no “mundo real”) em que o planeta Terra realmente chegou ao seu limite. Evidentemente, a solução que se propõe para combater o risco ecológico não é extinguir o consumo de carne animal e cortar os problemas pela raiz, adotando o vegetarianismo em escala global, mas sim criar um novo tipo de animal, geneticamente modificado, que fosse altamente eficiente, produzindo muita carne com a menor quantidade de consumo de alimento possível, o que significaria uma menor quantidade de gases e dejetos e, conseqüentemente, um menor impacto ambiental. Uma das questões atuais que se coloca para o consumo de carne animal é a extensão da devastação da vegetação natural que vira pasto para esse fim. Podemos ler no relatório da SVB o seguinte:

Em escala global, o impacto da pecuária sobre as terras do planeta é imenso. Atualmente, quase 30% das áreas terrestres do globo são usados como pastagem – área equivalente ao continente africano. Além disso, cerca de um terço dos três bilhões de hectares de todas as terras aráveis, uma área maior do que a Austrália, se destina ao cultivo de grãos para alimentar animais criados para consumo. Ou seja, usamos quase metade das terras não cobertas por gelo no planeta (75% das áreas agrícolas) para pastagem ou produção de ração. (SVB, 2015, pg. 11)

No filme tal questão não se coloca. Talvez porque já tenha sido concluída a transição da produção pecuária extensiva, solta nos campos, para a intensiva-industrial, em definitivo (o que enfatizaria a situação de limite ecológico). Essa transição já se encontra quase que completa nos países mais desenvolvidos, enquanto os menos desenvolvidos e com menos potencial tecnológico, como o Brasil, ainda se utilizam do tamanho do seu território para apostar nas pastagens¹⁴, embora já vejamos a racionalização crescente do negócio, com uma maior conectividade entre as pastagens e os frigoríficos, ao passo que surgem as empreitadas intensivas e altamente mecanizadas. Nesse contexto, o “estrago já estaria feito”; as terras irremediavelmente desmatadas para a produção intensiva de alimento para o gado, e uma produção de gases poluentes e dejetos gigantesca, que será resolvida mais à frente no filme.

Essa menção à questão ecológica demonstra um conhecimento notável das pessoas envolvidas na produção do filme com as questões de seu tempo e com as pautas do movimento de libertação animal, como esperamos mostrar a seguir com mais detalhes, acompanhando o desenvolvimento dos seus principais argumentos de perto. A questão da fome é apresentada no filme, de maneira breve, junto com o discurso inicial acompanhado das imagens ilustrativas em uma tela. A CEO Miranda diria “está acabando a comida no mundo e

¹³ <https://www.ictsd.org/bridges-news/pontes/news/confer%C3%Aancia-de-bali-abre-caminho-para-acordo-clim%C3%A1tico-global> (último acesso em 20/08/2022).

¹⁴ <http://procreate.com.br/pecuaria-extensiva-e-intensiva/> (último acesso em 20/08/2022).

ninguém está falando sobre isso”, no que mais parece um panfleto pró vegetarianismo, para logo em seguida perder por completo essa sintonia com a argumentação ambientalista pró vegetariana.

A cena é introduzida por uma música de fundo típica dos desenhos animados e dos filmes de comédia em família. Podemos entrever toda a ironia da cena, que na verdade é de um cinismo ímpar (o pronunciamento se dá numa antiga fábrica aparentemente de extração e processamento de algum minério, em que a própria CEO dessa empresa gigante de biotecnologia chamada Mirando - alusão à nossa conhecida Monsanto, envolvida na indústria agropecuária, na controvérsia dos transgênicos e dos herbicidas pesados, responsável por impactos ambientais enormes¹⁵ - adverte, “tem as paredes manchadas com o sangue de bons operários”. Veganismo e a preocupação com o sofrimento do animal não humano tangencia os direitos trabalhistas e a preocupação com o sofrimento do animal humano aqui, ambos sendo tratados como objetos pelos representantes do poder econômico: com cinismo, ela propõe que se esqueça o passado daquele lugar, porque estavam ali para ouvir sobre o futuro). Esse futuro, vale ressaltar, é apresentado nos telões da campanha como um oásis de felicidade animal e humana.

O recurso ao desenho animado novamente vem à tona, e entrevemos no telão animais coloridos e felizes enfeitando a sua promoção da nova carne animal para consumo humano, carne essa que seria produzida, supostamente, de acordo com a mais rigorosa preocupação com o bem-estar dos demais animais e com seu habitat natural. O “milagre”, prossegue Miranda em seu *pitch*, para resolver de uma só vez a questão ambiental e da fome mundial estaria em uma “descoberta” (e com esta palavra encobre-se os macabros experimentos biogenéticos com animais, mais à frente revelados no filme em todo o seu horror) feita em uma fazenda no Chile: uma espécie de porco apresentado como uma criatura especial, amigável e a ser apreciada em sua aparência.

A foto de apresentação do porco ao mundo fictício é peculiar: o porco recém-nascido (ou criado, já que se trata de uma experiência geneticamente modificada, fato que pretende-se esconder da população) está nos braços de um senhor sorridente, aparentemente sorrindo ele também, nos passando a sensação de alegria e de uma vida repleta de bem-estar que o porquinho desfrutaria. Não está distante das propagandas que a indústria da carne veicula

¹⁵<http://www.diariocentrodomundo.com.br/por-que-a-monsanto-e-tao-detestada/>(último acesso em 20/08/2022).

realmente, principalmente pela TV. O filme dialoga assim com a realidade, ao mostrar a tentativa do marketing empresarial em olvidar a carnificina do abate com imagens felizes de animais livres e com a desvinculação do produto final “carne” com o fato da morte necessária para que ele viesse a ser, ultrapassando-a ao dar representação e imagem ao não visto, ao tabu deliberadamente escondido no plano estratégico da empresa.

4. ÉTICA, BIOÉTICA E O FUNDAMENTO DAS LEIS: DO JUSTO E DO LEGAL

Prosseguindo ainda no discurso demagógico de abertura proferido pela personagem Miranda, deliberadamente enganoso e propagandístico, introduz-se pela primeira vez a problemática da bioética, já implícita na foto anteriormente citada: diz a CEO ter levado o porquinho do Chile para os EUA e o criado com *amor*, tendo o porquinho crescido e acasalado, em suas próprias palavras, de forma “*natural e espontânea*”, dando origem a 26 novos filhotes. Podemos ver claramente o diálogo com o avanço contemporâneo da legislação bem-estarista na produção de carne e produtos de origem animal: o sofrimento visível envolvido nesse negócio tem se tornado insuportável mundo afora, o que é comprovado pelas leis de “abate e tratamento humanitário” que se fazem cada vez mais presentes (como se matar sem necessidade não fosse cruel, apenas confinar em espaços minúsculos, privar de água e causar danos físicos dolorosos ao animal antes de ser abatido, inclusive segundo métodos não indolores, anteriores à legislação).

Conseguiu-se, no filme e na realidade, deslocar o clamor do movimento de libertação animal e por direitos dos animais para a erradicação do sofrimento pré-abate, assegurando-se o abate em definitivo, como um determinante fora de cogitação. É enfatizado pelos ativistas o caráter cruel e violento, acarretador de sofrimento, intrínseco às práticas de inseminação de vacas principalmente (e se proliferam vídeos denúncias do método de inseminação de vacas, em que o inseminador humano deve colocar um braço inteiro no interior do seu órgão genital enquanto ela se contorce e muge em claros sinais de dor).

A questão do “estupro animal”, como é popularmente conhecida entre os ativistas, será retomada mais adiante no filme, em uma cena forte em que Okja estará confinada no cativeiro da Mirando, antes de reencontrar Mikha na cerimônia de promoção, e é também uma pauta

central dos movimentos ativistas ao redor do mundo¹⁶ (a Frente de libertação animal inclusive, conhecida por FLA, protagoniza o filme e existe realmente, sendo este fato, por experiência observada com o trabalho do filme em sala de aula, altamente produtor de espanto e interesse nos alunos, acarretando pesquisas posteriores muito animadas dos mesmos). Na medida em que ela pronuncia essas palavras, a música de fundo muda (uma fusão entre a trilha sonora do filme e do evento de pronunciamento ficcional que só aumenta o sentimento de realidade), a câmera sofre um corte inesperado e aparece, no andar de cima em uma espécie de camarote, um personagem importante da narrativa, partícipe do círculo de negócios da empresa, que está repetindo as palavras que Miranda falava no andar de baixo, explicitando que tudo aquilo era uma farsa ensaiada com um objetivo bem claro de tocar o público e vender o produto num verniz de preocupação ética e socioambiental, algo que aparentemente naquele mundo ficcional (como no mundo real) está em alta e tem ressonância junto à população, indício da organização da sociedade em torno desses temas - o que será novamente reforçado quando da aparição do grupo de ativistas pela libertação animal. O modo de aparição desse personagem, um poderoso homem de negócios, estando por cima da Miranda, como que titereando suas ações, apresenta-o em sua importância no plano de negócios da empresa: a representante oficial e o controle da empresa mudarão ao longo do filme, após uma disputa conceitual em torno da melhor estratégia de produção de vendas e da imagem da empresa - e, talvez, de alguma empatia verídica, nascente, em relação às questões socioambientais -, mas essa figura permanecerá intocada.

Já na parte final de seu discurso fundamental à narrativa, na altura dos 3 minutos de filmagem, finalmente Miranda introduz a história que acompanharemos pela próxima hora e meia. Cada um dos 26 leitões foi espalhado pelo mundo, conferidos a 26 fazendeiros notórios de 26 regiões diferentes que teriam a missão de criá-los segundo seus métodos tradicionais e diferenciados, participando ao final de dez anos de um concurso em que ganharia o fazendeiro que tivesse criado o porco mais saudável e bonito, capaz de apresentar-se como garoto propaganda da marca, numa espécie de campanha propagandística maciça que se misturaria com uma espécie de reality show em que o apresentador e juiz seria o “zoólogo e veterinário mais querido da TV”, como é anunciado o personagem Dr. Johnny Wilcox, uma espécie de mistura entre Gugu e Richard Rasmussen, só que estadunidense.

¹⁶Uma única matéria a título de ilustração do ponto difundido entre os veganos: <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/222918357/tortura-e-infanticidio-por-que-os-veganos-nao-consomem-leite>(último acesso em 20/08/2022).

Mais uma vez o humor acidamente irônico do filme nos coloca frente a frente com a figura da contradição aparente muito frequente em nosso dia a dia: o suposto amante dos animais que os exploram. Nesse caso o “amor” aos animais, implícito em sua profissão, não é nem de longe verdadeiro, e a montagem se esforça por mostrar isso (principalmente quando da cena forte do filme em que, em cativeiro, cabe a esse personagem retirar um pedaço do corpo de Okja com um instrumento, estando ela viva e consciente, para provar a sua carne). Todo o espetáculo seria veiculado pela TV num grande evento mundial.

Mais tarde descobriremos que a estratégia para convencer os consumidores a comprar a carne de um animal que nunca tinham comido era tarefa nada fácil que justificou toda a preocupação da empresa em armar essa super promoção do produto (mais um ponto de discussão recorrente entre os veganos que está espelhado no filme. Eles perguntam aos “carnistas” se comeriam carne de gato ou cachorro, e as pessoas prontamente respondem que não, apenas de vaca, galinha e porco. Ao perguntar por que, o vegano evidencia o caráter arbitrário sedimentado pela cultura de comer apenas uma espécie de animal e não outra, indiferenciáveis em última instância. Exemplo disso é o mercado de carne de cavalo que nunca conseguiu deslanchar em nenhum lugar do mundo. Não é “natural”, dizem os consumidores de carne¹⁷. Esse problema o novo tipo de carne teria que enfrentar também). Quando da troca entre as irmãs na representação da empresa, a irmã gêmea de Miranda pronuncia a frase icônica que evidencia a mudança de posição da empresa, ao dispensar a propaganda verde de promoção do produto dizendo “se for barato, eles comerão”.

Ao nos transportar para bem próximo do processo de produção da carne, já na parte final do filme, após o sequestro de Okja pelo grupo ativista, que decide deixar que Mirando a recupere para poderem enfim levar a cabo seu plano de exposição e denúncia pública, a filmagem irá reconstruir e expor o sofrimento animal em sua situação de confinamento e precariedade, de abuso e dores mais diversas até o momento de sua morte, nas esteiras de produção, sobre grandes poças de sangue de onde fatiam-se e esquartejam-se os corpos. Algumas cenas são icônicas a partir desse momento e remetem também às discussões éticas no interior do vegetarianismo. É assim que Okja é transportada em uma espécie de camburão; sofre estupro para procriar e tem seu corpo mutilado para que se provasse sua carne, antes de reencontrar Mikha em situação deplorável e irreconhecível (o primeiro plano de seus olhos,

¹⁷ <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=116914> ; <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/culinaria/polemica-carne-de-cavalo-e-consumida-em-varios-paises-veja-pratos,c86638a4f1d8c310VgnVCM300009acceb0aRCRD.html>(último acesso em 20/08/2022)

expressivamente vermelhos, como que em hemorragia interna, dá o tom da desorientação e estresse do animal no momento da cerimônia, tamanha que chega a atacar e ferir a própria menina), e após a confusão e a perseguição, quando Okja é recuperada e é levada para a fazenda de abate. Lá, pela primeira vez, passamos do animal indivíduo ao animal espécie, abstrato, ao conjunto dos animais que estavam na mesma situação de nossa protagonista Okja: confinados, esperando sua vez de morrer.

A história que acompanhávamos, neste momento, vira a história de todos aqueles animais, que simplesmente não conhecemos (e antes não nos importávamos com eles). Mikha era movida por um impulso simplesmente egoísta: Okja é *minha* amiga; é da *minha* família. Preciso salvá-la. Quando perguntada, na primeira cena do caminhão, por um ativista da FLA, se ela permitiria que se usasse sua porca como isca para desbaratar o esquema da empresa e salvar todos os demais animais, ela recusa veementemente o plano, o que leva um dos ativistas a mentir - o que também levanta questões morais importantes e fecundas. O salto altruísta e solidário se completa no final, quando Mikha e Okja salvam um filhote de um outro porco desconhecido e prestes a ser abatido, que será criado livre com as galinhas que já não serão comida na cena derradeira do filme, tendo Mikha aparentemente mudado sua alimentação e deixado de comer o seu prato preferido a base de peixe, se tornado vegetariana - a mesma cesta do início do filme volta agora sem peixes. Cabe lembrar a cena (cheia de significados) no início do filme em que, após dormir à margem do rio com sua porca, a menina acorda e encontra um peixe ainda filhote em sua cesta, junto do maior que havia pescado, e o retira da cesta e devolve ao rio.

Voltando à cena do interior da fazenda/campo de concentração, ao fim do filme, ali o abate era “humanizado”: uma pistola elétrica retirava-lhes a vida instantaneamente, e sua carne seguia para ser esquartejada e empacotada, enquanto mostra-se as esteiras sangrentas da produção e a reificação do ser humano que trabalha nessas condições (mesma reificação presente na cena anterior do empregado responsável por dirigir o caminhão, visivelmente insatisfeito, colocando os temas do direito do trabalho e da estratificação social em classes em primeiro plano). Na cena do apelo emotivo, quando Okja está prestes a receber o tiro e Mikha estende uma foto sua e de sua amiga para o carrasco precariado, este ficando sem saber o que fazer até que sua chefe e patroa entrasse em cena e o mandasse prosseguir com o abate, uma dupla reflexão se sugere: no capitalismo, para os empresários do ramo, o dinheiro vale mais que a vida de qualquer ser (e é assim que Mikha só consegue libertar Okja a preço de ouro); ao mesmo tempo, a famosa passagem kantiana, tão conhecida entre os ativistas e pessoas

engajadas na discussão teórica que envolve o status dos animais em sociedade, é reencenada aqui: dizia o filósofo¹⁸ que os homens que trabalham com a morte dos animais tornar-se-ão insensíveis ao sofrimento do próprio homem. O carrasco, entretanto, mostra sinais de dúvida e efetivamente para o seu ato de matança ao defrontar-se com a menina em prantos. Só retornaria ao ato após ser ordenado pela patroa. Percebemos que nesse homem, obrigado a trabalhar como os demais funcionários que mantêm a Mirando, ocorre uma sobreposição do tempo de trabalho ao tempo da reflexão moral, sendo seus atos condicionados pela necessidade de manter o emprego e a subsistência.

Caso recente no Brasil que ilustra bem o estado de desenvolvimento dos direitos animais foi o do porto de Santos¹⁹. O Brasil tem exportado carga viva para ser abatida na Turquia, o que tem ganhado notoriedade junto à opinião pública. Enquanto grupos de ativistas protestam pela situação dos animais, não apenas as péssimas instalações e o sofrimento ao qual eram submetidos no caminho até o abate, mas também a própria morte desnecessária de animais para que virem mercadoria comestível, sem necessidade, muitos consumidores de carne animal solidarizaram-se em algum grau e reconheceram ser degradante a situação do transporte. As próprias leis ditas “bem-estaristas” e legislação pertinente ao “manejo” dos animais demonstra algum grau de consideração (embora se possa debater quem são os destinatários desses direitos: os humanos, que seriam poupados de cenas fortes de depravação, ou os animais). O mesmo podemos dizer das leis ambientais a proteger animais silvestres.

O movimento pelos direitos (plenos) dos animais, que lhes garanta a abolição de nossa exploração sobre eles, quer estender esse princípio já aceito pela sociedade às últimas consequências. Para isso recuperam o Direito enquanto manifestação sociocultural inserida na

¹⁸“Segundo Andreas-Holger Maehle e Ulrich Tröhler (1987, p.36) no fim do século XVIII a Europa era palco de duas visões contrastantes a respeito da relação entre homens e animais. De um lado, o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) reafirmava a posição antropocêntrica característica do cristianismo tradicional, segundo a qual, em termos legais só poderiam existir relações verdadeiras entre seres racionais – portanto, humanos, motivo pelo qual os animais eram, nesse sentido, meros objetos. Ao homem cabia, sim, o dever de abster-se de cometer atos cruéis contra os animais, mas esse era um compromisso dos humanos para com a própria humanidade, visto que a crueldade contra os animais insensibilizava os homens ao sofrimento alheio, configurando um primeiro degrau na decadência que levaria à maldade contra outros homens. Dessa forma, Kant era a favor da matança de animais para alimentação, desde que feita de forma indolor, mas afirmava que a realização de experimentos dolorosos em animais somente deveria ser permitida caso os fins almejados não pudessem ser obtidos de qualquer outra forma (Maehle&Tröhler, 1987: 36).” (FERRIGNO. 2012,p. 26).

¹⁹<https://www.vista-se.com.br/ao-vivo-caso-porto-de-santos/>(último acesso em 20/08/2022). Chama atenção o nome da embarcação, NADA. Ali é transportada uma carga que sabe-se viva, sentiente, mas cuja vida e sofrimento pouco importam, pouco ou quase nada são considerados. Como esses corpos tem ainda estatuto de propriedade, são tratados como meros objetos a serem utilizados como bem se entenda (ou quase).

história (e em suas disputas), ou seja, a mudar, se transformar e evoluir²⁰, para justificar sua extensão aos demais animais, ainda que não sejam capazes de cumprir deveres, além de trazer à tona a discussão sobre a origem e fundamento dos direitos, origem essa que o discurso ideológico quer obscurecer a todo custo. Ao falar em senciência, sofrimento e bem-comum, desloca-se a concepção comum do Direito, de ordem a ser cumprida para instrumento a construir e garantir o melhor dos mundos possíveis, conforme o estado da técnica. Retornamos à polêmica marxista sobre a filosofia do direito de Hegel, para quem o Estado e suas instituições seriam os instrumentos a garantir essa paz perpétua. A partir de Marx percebemos que tais instrumentos estão também em disputa e os setores cujos interesses prevalecem são os mais poderosos e organizados, acabando por ditar as regras²¹. Só nessa chave de leitura poderemos entender como o Direito se presta para regulamentar (e não extinguir) a exploração do trabalho humano (base do capitalismo, numa leitura marxista) e a manutenção dos privilégios da desigualdade; o acolhimento e sanção da injustiça primeva da propriedade privada. Extrapolando o raciocínio sociológico e culturalista para a estrutura do especismo, teremos que o arcabouço jurídico se prestaria à abolição da exploração animal, mas se contenta em regular a exploração, funcionando como dispositivo da ordem hegemônica (ou *status quo*) também neste caso.

5. SENTIMENTALISMO, ANIMAL DE ESTIMAÇÃO E DE CONSUMO

Terminado o discurso de abertura proferido por Miranda, a câmera corta a cena e nos transporta ao futuro; 10 anos passados desde aquela data (um fictício 2007). A primeira imagem que vemos é um *plano travelling* da paisagem montanhosa muito verde da Coréia do Sul; se nos apresenta a casa simples e rural de Mikha e o ambiente em que ela e seu avô, um fazendeiro da região, criaram a porquinha, já enorme. A paisagem idílica e as condições de

²⁰[O juiz] Edmundo Cruz no final de sua decisão [sobre o caso Suíça, que em 2005 quase conferiu habeas corpus a uma macaca] irá optar por aceitar o debate sobre os direitos animais, afirmando que Direito não é estático e suas matérias estão sujeitas a constantes mudanças e que novas decisões devem se adaptar a esses novos tempos. Para ele, normalmente ao decidir, juízes adotam posturas conservadoras, preferindo valores como a certeza, estabilidade e predicabilidade das relações jurídicas, contudo, esses juízes acabam entendendo o sistema jurídico como um conjunto de normas consistentes que podem ser mais ou menos aplicadas mecanicamente” (TRAJANO, 2009, pg. 118 e 119). O habeas corpus nunca saiu e o processo foi interrompido pela morte de Suíça.

²¹ Recentemente o setor pecuarista por intermédio de suas associações mostraram sua força de barganha política ao pressionar o governador do estado de São Paulo a vetar o projeto aprovado na Assembleia Legislativa referente à instituição da “segunda sem carne” nos restaurantes conveniados. Ver <https://oglobo.globo.com/sociedade/alckmin-veta-projeto-segunda-sem-carne-em-predios-publicos-de-sp-22305222>(último acesso em 20/08/2022).

vida da dupla, bem mais próxima do que seria uma condição natural, haverão de contrastar com a cidade cinza e barulhenta em que mergulhará a menina mais à frente no roteiro do filme, contraste este presente em várias situações, como da cena em que a equipe da empresa Mirando sobe a pé a montanha para reaver sua mercadoria viva e os personagens que representam os funcionários encenam de maneira enfática o cansaço envolvido na escalada que a menina que mora ali faz por brincadeira. O mais cansado deles, paradoxalmente, é apelidado de “homem muito saudável”.

Por enquanto a câmera ainda nos mostra o relacionamento entre a nossa heroína e sua porca gigante. Apesar do seu tamanho, ela é indefesa, mansa e atrapalhada. O amor e cuidado dela em relação à sua amiga de outra espécie é já transmitido no início, em um primeiro plano em que Mikha retira alguma coisa que ficou preso na pata de Okja e a estava machucando, de forma bastante paternal - cuidado este correspondido pela porca adiante, quando esta salva a menina no despenhadeiro. À altura do oitavo minuto de filme já podemos ver a sintonia entre a dona e seu animal de estimação; elas trabalham juntas como uma equipe: primeiro para pescar peixes; depois, ambas dormem juntas, Mikha em cima de Okja; mais à frente Okja salva Mikha de cair no penhasco, e cai ela no lugar sacrificialmente; Mikha se desespera, desce preocupada com a amiga e a encontra bem. Ambas se abraçam e Mikha desempenha o gesto que caracterizará a proximidade da dupla e a relação afetuosa de ambas: sussurra algo em seus ouvidos que a porca parece sempre entender (e nós, espectadores, nunca, sendo mantido o segredo até o fim do filme), o que nos é sugerido pelo primeiro plano nos olhos de Okja, que sempre mudam a feição ao ouvir as palavras misteriosas sussurradas. Na noite daquele dia as duas dormem juntas, abraçadas, e com o mesmo escovão com que Mikha coça as costas de Okja ela coça a si mesma, na cabeça. A menina escova os dentes da porca.

Enfatizemos aqui um movimento do filme: quando Mikha chama Okja para pescar, ela utiliza da seguinte frase “Quero ensopado de peixe hoje”. Mais à frente, quando vemos seu avô cozinhando, ele diz estar fazendo o prato preferido de Mikha, ensopado de peixe; chegando em casa, ao anoitecer, antes de dormir, Mikha come o ensopado de peixe, e a câmera mostra a mesa de cima, com o peixe bem visível no meio, inteiro e com a cabeça, com os olhos enaltecidos. É que a cabeça, a boca, os olhos, enfim, as partes dos animais que são análogas às humanas evocam a realidade da vida senciente que se extinguiu para que houvesse a carne, e tal relação nunca é oportuna para quem deve vendê-la, fugindo desta

epifania²². Ao final do filme, na cena de encerramento, poderemos ver que a alimentação de Mikha muda e as galinhas, antes presas, estão soltas, o que sugere uma mudança na mentalidade da menina após a sua aventura, que funcionou como um percurso formador, que em certa medida é o mesmo que o cidadão comum assistindo Okja e que tem um animal de estimação, ou conhece alguém que o tenha ou ainda tem simpatia por eles, deverá fazer: ela passou da consideração pelo sofrimento do “meu animal” para aquele de todos os animais, peixes inclusos.

O ensopado aparece ao fim como vegetariano. Apesar da pesca natural e ordinária da menina, ela já aponta no início do filme para esse percurso formador ao mostrar consideração por um girino, peixe recém-nascido, que havia caído fora da água em seu ato conjunto de pesca com Okja, e o devolve à água. A cena é enfatizada pelo corte da câmera para a água, em que o girino arremessado mergulha, se mantendo a câmera ali por alguns segundos, um movimento nada fortuito. Aqui o filme parece enfatizar uma atitude contraditória em última instância, mas muito presentes no cotidiano do cidadão comum; não precisamos lembrar do caso recente no Brasil em que um grupo de pessoas salvaram uma ninhada de cachorrinhos Beagle de um armazém de pesquisa; o caso ganhou notoriedade na mídia e comoveu muita gente, inclusive entre os amantes de churrasco. Em Okja o cachorro sequer aparece, mas sugerimos que ele está implícito na relação entre dono e animal de estimação, um dos motivos da tamanha comoção que ele causou.

Como já mencionado, não se trata apenas da abordagem do movimento de libertação animal pelo seu lado socioambiental. A ética vegetariana é colocada em cena ao se levantar a pergunta “é certo que matemos um animal senciente para comê-lo, sem que haja necessidade de fazê-lo - dada a quantidade de opções alimentares que nos é colocada à disposição?”. A partir de um caso fictício muito próximo à realidade das pessoas vivendo nas metrópoles da civilização atual, aquelas que tem acesso à internet e, em boa parte dos casos, um animal de estimação, essa criatura que passou a ser-nos tão familiar e cuja tendência só aumenta²³ - o que é evidenciado pelo crescimento do negócio - o filme evoca um sentimentalismo a partir do reconhecimento de uma situação muito próxima do espectador, representada na tela: o

²²Sobre a lógica da antropomorfização de animais não humanos usada na retórica vegetarianista: “A similitude física percebida entre humanos e animais através de dois símbolos relevantes em nossa cultura – ‘carne’ e ‘sangue’ (este, como aquilo que ‘dá vida’ e que, ao se fazer visível é associado a outros dois símbolos fortes: ‘morte’ e ‘dor’) permite, a muitos vegetarianos, levar a associação entre ‘sangue’, ‘dor’ e ‘morte’ e ‘animal’ às últimas consequências, ou seja, estender a moralidade humana aos outros animais.” (FERRIGNO, 2012, pg. 3).

²³<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/brasil-tem-mais-cachorros-de-estimacao-do-que-criancas-diz-pesquisa-do-ibge-16325739>(último acesso em 20/08/2022)

companheirismo e cuidado com o seu animal de estimação. As cenas de proximidade e carinho antes citadas (entre as várias que pululam durante todo o filme) promovem um reconhecimento do cidadão médio das metrópoles, geralmente consumidores de carne e donos de algum animal de estimação com o qual desenvolvem afeto. O filme ao construir a ponte entre um animal qualquer que morre para virar comida e o animal próximo reconstrói a argumentação já clássica dos vegetarianos que tentaram, com palavras, ligar o animal de estimação amado com os animais que sofrem e morrem (sem muito sucesso na maioria das vezes²⁴). O sucesso de Okja parece residir na força da montagem para evocar sentimentos muito familiares ao espectador.

Todo ano diversos municípios proíbem as comemorações com fogos de artifício²⁵, por consideração aos animais de companhia e pressão das associações protetoras desses animais, que são bem mais abundantes que as protetoras de todos os animais (ou veganas). Se os animais de estimação, que já superaram em número as crianças, no Brasil, já conseguem algum *status* para além do de propriedade e veem seus interesses em geral (e cada vez mais) levados em consideração, os demais animais, e sobretudo os ditos de “consumo”, sobre os quais recai a maior parcela da exploração animal, são arbitrariamente desconsiderados, ainda que se diferenciem bem pouco, constitutivamente, de um gato ou cachorro. Aliás, há vacas, galinhas, peixes e porcos feitos de estimação, aos quais os “donos” cultivam algum afeto e nunca se alimentaria deles, embora continuem o fazendo com os demais.

A esse processo Gary Francione²⁶ denominou “esquizofrenia moral”; a essa proximidade entre todos os animais o filme chama atenção, junto a todo movimento pela Libertação Animal: há uma igualdade fundamental entre todos os animais, a senciência²⁷. Ela é a única justificativa para a atribuição de direitos a qualquer ser que seja, para essa geração contemporânea de filósofos da bioética. Se um animal a possui, deve ter o seu interesse mais básico de preservar sua vida, liberdade e integridade preservados, a salvos de qualquer mal gratuito. A única justificativa para que estendamos direitos a cães e gatos, mas não a porcos e vacas é por que a cultura é vista como o Direito, estática e eterna, inquestionável, pela maior

²⁴Aqui no Brasil conhecemos bem a célebre frase “você comeria o seu cachorro?”.

<http://www.escolhaveg.com.br/voc-comeria-o-seu-cachorro>(último acesso em 20/08/2022)

²⁵A título de exemplo ver

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/12/29/interna_politica,927743/prefeitura-mg-alfenas-fogos-animais-reveillon-barulho-queima-cancela.shtml(último acesso em 20/08/2022).

²⁶Filósofo e advogado proeminente na defesa dos animais.

²⁷Capacidade de sofrer e/ou sentir alegria.

parte das pessoas, e essa narrativa é mantida e difundida ideologicamente pelos setores que tem interesse (econômico) nessa narrativa

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se trata de um filme engajado, que mostra conhecimento das questões envolvidas no movimento de libertação animal, das problemáticas levantadas, soluções e argumentos propostos, não podia faltar a referência à militância ativista (que no mundo todo tem celebrado ações muitas vezes tão radicais a ponto de vencerem a rigidez da mídia em veicular informação sobre o movimento, fazendo-o de forma pejorativa). Por exemplo, no imaginário do cidadão comum consumidor de carne, o ativista pelos direitos animais é uma pessoa esqualida que se importa mais com os animais do que com os seres humanos. Com uma boa dose de comédia, o filme trata de enfatizar a lógica completa da libertação animal, tendo como momento alto a cena do caminhão em que coloca-se um dilema entre o grupo de ativistas: deveriam ou não mentir para Mikha, ainda que o ato “imoral” em um sentido fosse o meio necessário para alcançar o efeito maior esperado, e motivado por considerações morais?

A partir do momento da primeira separação entre Mikha e Okja o foco do filme mudará lentamente, e da saga pela libertação de um animal, o animal próximo e familiar, de estimação, salta-se para a libertação de todos os animais, mais ao final do filme. Essas duas partes finais do filme são mediadas pela atuação junto de Mikha de um grupo de ativistas veganos pela libertação animal. Somos transportados para o interior do grupo ativista e o vemos em ação, desde o momento do planejamento da ação pública de denúncia e exposição da Mirando até a sua execução. O objetivo e o *ethos* do grupo são colocados sempre em evidência. Podemos então dividir o filme em dois momentos: antes e depois do aparecimento de um grupo ativista pela libertação animal, momentos que perfazem o percurso de formação de Mikha, que ao sair de sua realidade distante e idílica se depara com o mundo como ele é. Ela cresce, paradoxalmente, não quando recebe o presente do avô (que representa um dote de casamento em sua tradição) mas quando se livra dele, ao trocá-lo pela liberdade da amiga.

Ao final do filme, o seu prato predileto (uma espécie de ensopado de peixe) dá lugar a um ensopado de legumes e ela filia-se ao movimento pela libertação animal pelo ato de abster-se de comer carne, após ter estado entre ativistas e ter conhecido os porões da indústria, numa realidade tão distante da sua que a fez fazer a conexão entre a comida, o animal, o

sofrimento e a morte. A apresentação do grupo ativista pela libertação animal, quando entram em cena na altura do 43º minuto do filme, revela a tônica destes personagens, que são tidos como estritamente éticos em absolutamente tudo. A grande preocupação do grupo ao encurrular o caminhão que levava Okja ao aeroporto era com a segurança do passageiro que não havia colocado o cinto de segurança. Por diversas vezes eles se mostrarão preocupados com a segurança e o bem-estar dos seres humanos, inclusive aqueles que tomam parte ativa na exploração animal, pois são vistos como meros empregados.

O filme não culpabiliza ou criminaliza os envolvidos; antes os vê como consequência automática e direta de uma lógica estabelecida e sedimentada há muito, verticalmente. Mostra, isso sim, um olhar ironicamente ácido aqueles que mostram “lealdade à empresa” em que trabalham, do ramo da exploração animal. É o que acontece, por exemplo, com o executivo quando se coloca a correr atrás de Okja, após o motorista ter se recusado a ligar o caminhão e iniciar a perseguição: uma porta de carro abre inesperadamente e o derruba. O próprio motorista deste caminhão que levava Okja sequestrada, antes dela trocar novamente de mãos, entra em cena no filme com a típica “cara de enfado” (a mesma com que termina, num confronto com seus superiores e com aquela ocupação) que caracteriza cada vez mais a juventude obrigada ao trabalho alienante na atual fase do capitalismo.

Esse personagem tão passageiro e deslocado do filme, quando lhe é atribuído falas, demonstra um novo ethos típico de juventude, que reaparece nos membros da FLA à sua maneira. Escancara-se a faceta sobretudo jovem do movimento, percebendo-os em hegemonia principalmente por ter suas raízes de expansão tão fortemente vinculadas às redes sociais e novas tecnologias de informação que incidem em sua completude sobretudo sobre os que já nascem inseridos nessa realidade recente. Aparentemente é o contato com esse grupo de jovens em prática revolucionária que acaba libertando o também jovem motorista da empresa, que incorpora o ato de rebeldia que vê se passar em frente a seus olhos e lhe empresta a emoção e o sentido que precisava, pedindo demissão.

Acrescenta-se, portanto, além das demais justificativas para o advento do movimento de libertação animal, um impulso de renovação do mundo; uma vontade irresistível de transformar a realidade e as relações já sedimentadas que determinam o estar no mundo. Essa atitude recoloca sentido à vida, e na medida em que é completamente factível (requer apenas que se pare de comer determinados alimentos que podemos facilmente passar sem, usar certos produtos e escolher formas de divertimento que, de qualquer modo, apresentam-se em grande

variação e abundância no mundo industrializado contemporâneo e não necessitam mais envolver seres vivos sencientes), causa um apelo tão forte naqueles sedentos por novas formas de existir. Essa revolução se percebe com tanta força atualmente provavelmente porque se trata de uma meta atingível, na mesma medida em que a atividade política organizada em partidos declina entre os jovens que já não veem esperanças e possibilidades de mudança contra uma ordem que literalmente sentem depender deles, estando além de suas forças; estando incompatíveis com a lógica deste tempo, que engole tudo enquanto passa imponente.

O ritmo rápido que nos impuseram torna incompatível a atividade política: entender o regimento de uma sessão plenária na qual não se pode estar presente (a distância; os compromissos; as prioridades, tudo impede esse deslocamento) além de tudo é incompreensível e pouca gente dispõe do tempo (e da vontade) de ler as miríades de páginas que o explicam e resguardam nenhum poder decisório real aos cidadãos não eleitos, e um mínimo de poder ao parlamentar eleito. Tornar-se vegano, ao contrário, se mostra mais conveniente e acomoda-se aos ditames ordinários, dado que o poder sobre a escolha do que se consome é total e os efeitos do boicote sobre a cadeia produtiva é automático. A revolução dentro da sociedade do consumo quer se dar negando-o em demasia, mas também subvertendo-o, ao escolher consumir uma outra alternativa disponível. O consumo politizado é um tópico importante e em ascensão dos estudos sociais contemporâneos.

Creemos ter demonstrado a fecundidade do filme para ser trabalhado em sala de aula, suscitando múltiplas questões e causando, pela forte carga emocional que carrega, simpatia e engajamento da atenção dos espectadores. Tentamos traçar um plano de interpretação que pode ser útil como guia didático para abordar o filme em sala de aula, a partir das preocupações próprias da disciplina de Filosofia. Não esgotamos, contudo, o potencial didático do filme, e novos olhares advindos de outras preocupações poderão abrir novas vias de exploração do filme, em outras disciplinas da Educação Básica. Nosso texto pretende-se um convite a justamente isso.

BIBLIOGRAFIA

FERRIGNO, Mayra Vergotti. *Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico*. Campinas: Março de 2012.

ARTICO, Antonia Márcia. *Ciberativismo e as estratégias comunicacionais nos movimentos abolicionistas veganos*. São Paulo, 2015.

BAZIN, André. *Montagem proibida InO cinema*. Brasília: Ed. Brasiliense.

Comendo o Planeta: Impactos Ambientais da Criação e Consumo de Animais, 2º Relatório SVB sobre os Impactos Ambientais da Criação e Consumo de Animais, 2015.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EISENSTEIN, Sergei. *Dickens, Griffith e nós In A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Vol 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1994.

FERRIGNO, Mayra Vergotti. *Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico*. Campinas: Março de 2012.

PROKOP, Dieter. *Fascinação e tédio na comunicação: produtos de monopólio e consciência* In Coleção Grandes Cientistas Sociais, Ed Ática, 1986.

SILVA, Tagore Trajano de Almeida. *Animais em juízo*. Salvador, 2009.

SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Rio Grande do Sul: Lugano Editora, 2004.

SORLIN, Pierre. *Sociología Del cine*. México: Fondo de Cultura Económica.

SOUZA, Camila Carbonar de. *#govegan: veganismo, vegetarianismo e dever moral nos enquadramentos da mobilização pelos direitos animais no Brasil*. Curitiba: 2016.

Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB). *Comendo o Planeta: Impactos Ambientais da Criação e Consumo de Animais*, 2º Relatório SVB sobre os Impactos Ambientais da Criação e Consumo de Animais, 2015.

XAVIER, Ismail. *A experiência do cinema*. Ed Graal.